

O ateísmo na *Histoire de Jenni* de Voltaire

Marcelo de Sant'Anna Alves Primo •

Resumo

Neste evento em homenagem à professora Maria das Graças Souza, estudiosa de longa data da filosofia dos séculos XVI, XVII e XVIII, refletiremos sobre um dos escritos mais contundentes de Voltaire contra o ateísmo, a sua *Histoire de Jenni ou l'athée et le sage*. Escrita em 1775, é o momento máximo da severidade que Voltaire desfere duros golpes à religião revelada, esta sendo para o autor sinônimo de fanatismo e superstição. Contudo, o principal foco de sua crítica é em relação ao ateísmo, mais especificamente o pensamento ateu de Paul-Thiry d'Holbach. Deixando de lado a sua ironia mordaz tão característica em suas obras anteriores, Voltaire na *Histoire* opera em duas frentes: por um lado, fulmina a superstição, fenômeno típico dentre contextos religiosos que têm como pilares a credence e a idolatria; por outro, não concebe de forma alguma o ateísmo, visto que, segundo o próprio autor, caso não houvesse uma divindade como um suposto freio às más ações dos homens, seria necessário inventar uma.

Palavras-chave

Voltaire, história, ateísmo, superstição.

Résumé

Dans cet événement en l'honneur de l'enseignante et chercheur Maria Das Graças Souza, studieux de longue date la philosophie des XVIe, XVIIe et XVIIIe siècles, réfléchir sur l'un des écrits les plus frappants de Voltaire contre l'athéisme, son Histoire de l'Jenni ou athée et le sage . Écrit en 1775, est le temps maximal que la gravité Voltaire frappe coups durs à la religion révélée, cet être pour l'auteur synonyme de fanatisme et de la superstition.

• Bolsista PNPd/CAPES/PPGF-UFS e professor colaborador do programa de pós-graduação em filosofia e do departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe.

Cependant, l'objectif principal de sa critique est à l'égard de l'athéisme, athée pense en particulier Paul Thiry d'Holbach. Laissant de côté son ironie cinglante si caractéristique dans ses premières œuvres, Voltaire dans Histoire opère sur deux fronts: d'une part, fulmine la superstition, phénomène typique parmi les milieux religieux dont les piliers à la superstition et de l'idolâtrie; de l'autre, ne conçoit pas de toute façon l'athéisme, puisque, selon l'auteur, si il y avait une divinité comme un frein sur les prétendus méfaits des hommes, il serait nécessaire d'en inventer une.

Mots-clés

Voltaire, histoire, athéisme, superstition.

Tal é a fraqueza do gênero humano e tal a sua perversidade, que, para ele, certamente é preferível ser subjogado por todas as superstições possíveis, contanto que não sejam mortíferas, do que viver sem religião. O homem sempre teve necessidade de um freio e, ainda que fosse ridículo fazer sacrifícios aos faunos, aos silvanos, às náiades, era mais bem útil e razoável adorar essas imagens fantásticas da divindade do que entregar-se ao ateísmo. Um ateu argumentador, violento e poderoso seria um flagelo tão funesto quanto um supersticioso sanguinário.

Voltaire, Tratado sobre a tolerância, XX.

Logo na introdução de seu livro *La religion de Voltaire*, quando René Pomeau indaga se o filósofo francês “foi o mais ou menos religioso dos homens”¹, dedica a sua atenção à multiplicidade e aos usos de determinadas imagens formadas do célebre Arouet: desde a mais tacanha libertinagem até a maior credice disfarçada em filosofia. Contudo, definir o pensamento de Voltaire no que tange à religião, e mais precisamente em relação ao ateísmo, é ater-se à exigência de fazer uma incursão nos próprios textos do autor para poder entender qual a sua opinião sobre os descrentes e qual a suposta influência da descrença no agir moral. Em outros termos, se Voltaire sempre foi conhecido como um

¹ POMEAU, René. *La religion de Voltaire*. Paris: Librairie Nizet, 1969, p. 9.

verdadeiro engajado contra toda sorte de superstição, fanatismo e intolerância, parece que a sua militância tem um limite teórico e prático: quando pinta a imagem do ateu, o faz em nome de um deísmo que se ampara no medo de que a ideia de divindade se esvaneça entre os homens.² Em suma, pode-se detestar “a religião, seus dogmas, sua tradição, seu culto, seus padres, mas se tem necessidade da ideia de Deus: todo o deísmo permanece nesta contradição.” (POMEAU, 1969, p. 199).³ Nesse sentido, *Jenni* é a opinião definitiva de Voltaire a respeito do ateísmo,⁴ uma vez que se prestarmos atenção ao subtítulo do conto, a saber, “Ou o ateu e o sábio”, está subentendido que, para o pensador francês, ateísmo e sabedoria estão nos antípodas, jamais podendo constituir uma sinonímia. A *História de Jenni*, publicada nos *Escritos avulsos atribuídos a diversos homens célebres* em 1775, mostra o pensamento filosófico de Voltaire nos últimos anos de sua atividade intelectual. Mais ferino do que nunca ele se rebelou contra a religião revelada e o catolicismo, mas da mesma forma igualmente repugnou o ateísmo d’Holbach, sobre quem estava escrevendo um livro quando morreu. É digno de nota que a crítica ao ateísmo constitui a parte mais importante do escrito, o que era característico do espírito de Voltaire nessa época.⁵

À luz da ideia que para um ateu seu deus é ele mesmo, Voltaire erige a sua imagem no desenrolar da sua história, isto é, o ateu como um tresloucado que não conhece limites para a satisfação de seus desejos eliminando tudo que lhe seja um obstáculo para tal, não tendo propensão alguma à moralidade e à sociabilidade. A despeito da concessão que Voltaire faz à existência de alguns ateus virtuosos, de índole pacífica, abastados, letrados e bem-acompanhados – ironicamente pode estar aludindo ao próprio Holbach, algoz de

² Ver a anotação de Voltaire a resposta quase tímida, porém, obscura à questão levantada por Holbach no parágrafo LXVIII da sua obra *O bom senso*: [Holbach] “Mas o que é Deus?” [Voltaire] “É o ser necessário.” (1985, p. 221.)

³ Segundo Pomeau, “é evidente que Voltaire se recusa passar do deísmo ao ateísmo.” (p. 201.) Ver também as “correções” que Voltaire faz no seu *Extrait* das *Mémoires* de Jean Meslier, pois o ateísmo deste é, segundo Voltaire, “muito revoltante”. (VOLTAIRE, *apud* POMEAU, p. 203.)

⁴ Mesmo Voltaire estando à beira da senilidade quando depois de *Jenni*, suas depreciações contra o ateísmo já constam antes do aparecimento desse escrito. Ver por ex. o último capítulo do *Tratado sobre a tolerância*, do qual tirei a epígrafe do presente texto.

⁵ Segundo Roland Virolle, “Voltaire viveu os três últimos anos de sua vida no momento em que a corrente do pensamento materialista ganhava cada vez mais terreno, apoiado sobre o progresso das ciências. A atualidade de 1778 é também esta rivalidade, no seio do mundo das Luzes, entre deísmo e ateísmo. Lavoisier viria a desenraizar da natureza um novo segredo analisando a composição do ar; a nova química, propondo uma nova visão da matéria, obrigava as metafísicas a se modificarem.” (1969, p. 63.) Nesse sentido, quais seriam as relações de Voltaire, no final de sua vida, com os que ele chamava de “senhores do sistema da natureza”? (*Id. Ibid.*)

sua diátribe contra o ateísmo em termos morais, sociais e políticos?⁶ – seu alvo é o mais “comum” dos ateus, ao qual não poupa ataques:

Mas o ateu pobre e violento, seguro da sua impunidade, será um tolo se não vos assassinar para roubar vosso dinheiro. De então, todos os elos da sua sociedade são rompidos, todos os crimes secretos inundam a terra, como os gafanhotos, no principio mal percebidos, vêm assolar nossos campos; o baixo povo não passará de uma ordem de salteadores, como nossos ladrões, de que não se enforca a décima parte: passam a sua vida miserável em tavernas, com prostitutas; batem-lhes, batem entre si; tombam bêbados no meio de seus canecões, com os quais quebram a cabeça uns dos outros; despertam para roubar e para assassinar; recomeçam cada dia esse círculo abominável de brutalidades. (1972, pp. 579-580.)

À esteira da crítica que desferiu contra Jean Meslier, estigmatizando seu pensamento como uma espécie de “profetismo jacobino”⁷, Voltaire associa a suposta ignorância do mínimo de decência e respeito da parte do ateu para que se possa levar uma vida reta à sua condição econômica e social. Sobre esta associação entre ateísmo e depravação dos costumes que Voltaire edifica seu *Jenni*. O dissimulado Birton e a depravada Clive-Hart são ateus ingleses persuasivos, que desvirtuaram Jenni, levando este a contrair dívidas e a quase assassinar seu credor, por exemplo, e quando segue Clive-Hart no Novo-Mundo vai devastar os bons selvagens.⁸ Vejamos a imagem da Sra. Clive-Hart, como ela atraiu Jenni e como ela o enganava devido à seu deboche e indiferença para com a divindade e todo e qualquer valor moral:

[...] como a Sra. Clive-Hart, uma dama muito atrevida, muito arrebatada, muito masculina, muito má, soubera apoderar-se do seu espírito; como vivia ele com libertinos que não temiam a Deus; [...] A Clive-Hart amava Jenni, sem deixar de fazer-lhe contínuas traições. É a sorte, dizem, de todas as mulheres que, desprezando demais o pudor, renunciaram à probidade. Ela traía principalmente o

⁶ “Desde a publicação, em 1770, do *Sistema da Natureza* d’Holbach publicou *O Bom Senso*, *O Sistema Social*, a *Etocracia*, buscando estender sua empreitada filosófica a todo domínio político, social e moral.” (*Id. Ibid.*)

⁷ Sade se engaja nessa empreitada com Meslier, por exemplo, quando o Marquês afirma: “Cessemos, pois, de temer o efeito do ateísmo em nossas aldeias. Os camponeses não sentiram a necessidade de aniquilamento do culto católico, tão contraditório com os verdadeiros princípios da liberdade? SADE, Marquês de. “Franceses, mais um esforço se quereis ser republicanos.” In: *Diálogo entre um padre e um moribundo*. Trad. de Alain François e Contador Borges. São Paulo: Iluminuras, 2001, pp. 70-71.

⁸ Ver o capítulo VII.

seu querido Jenni com o seu querido Birton e mais um outro debochado da mesma têmpera. Viviam juntos na cr pula. E uma coisa que só se veja em nosso país   que eles todos tinham espírito e valor. Infelizmente, nunca tinham tanto espírito contra Deus. A casa da Sra. Clive-Hart era o salão dos ateus. Se fossem ateus honrados, como Epicuro e Leontium, como Lucrécio e Memmius, como Spinoza, que dizem ter sido um dos homens mais honestos da Holanda, como Hobbes, tão fiel a seu desgraado soberano Carlos I...(1972, pp. 546;551)

Em primeiro lugar, se a *História de Jenni* tem sua filia o ao g nero do romance moral, a renúncia ao te simo da parte dos personagens exposta por Voltaire faz com que a sua inspira o tirada de temas apologéticos transcenda todo e qualquer estilo literário, confundindo moralidade com moralismo religioso da pior espécie. A partir do momento em que insiste sempre em associar as a es dos personagens a determinadas concep es filosóficas do que seja um deus, da influência e do seu poder sobre as a es humanas, parece não ver ou fingir não ver que despudor e improbidade não são particularidades daquele que descr . Em segundo lugar, os exemplos de “ateus honrados” que Voltaire nos proporciona não parecem ser dos melhores: uma olhada melhor nos próprios textos dos autores citados bastaria para perceber que, em última instância, não são filosofias ateias propriamente ditas e sim, no máximo, opiniões heterodoxas a respeito de um deus, de sua providência e de sua existência.⁹ Em terceiro lugar, o “salão de ateus” da Sra. Clive-Hart pode ser uma referência ao “salão” de Holbach, onde fervilhavam as novidades literárias e filosóficas da época entre os *libre penseurs*, que era caracterizado como um “círculo” do ate simo em pleno século XVIII.¹⁰

Especificamente nos capítulos VIII-XI, uma discussão de cunho metafísico sobre a legitimidade do ate simo se desenhar  em um diálogo entre o “sábio” Freind, pai de Jenni e o “monstro ateu” Birton. Tanto de uma parte como de outra, a argumenta o alcança diversos níveis como, por exemplo, a questão de que se a natureza basta a si mesma ou se ela   produto da arte de um criador divino. Tais reflexões são norteadas após o surgimento do Sistema da natureza de Holbach, publicado em 1770 e que causou

⁹ S  para dar alguns exemplos, quanto   Epicuro, ver *Carta a Meneceu*, 123, onde ele afirma claramente a existência dos deuses. Quanto   Spinoza, ver a sua *Correspondência*, em particular as cartas 42 e 43, onde ele nega veementemente a acusa o de ateu. Em rela o   Hobbes, ver o *De Cive*, II, cap. XIV, se o 19, onde ele afirma que o ate simo   um pecado de imprudência.

¹⁰ Ver o livro de KORS, Alan Charles. *D’Holbach’s Coterie: an Enlightenment in Paris*. New Jersey: Princeton University Press, 1976.

furor devido à concepção de uma natureza dessacralizada e autosuficiente, podendo sua linguagem ser decifrada unicamente pela experiência e pelos sentidos.¹¹ Birton em sua fala ironiza uma passagem do *Dicionário filosófico* quando retorque o argumento de Freind que consistia em dizer que para se constatar a existência de um deus, bastaria somente abrir os olhos:

Birton: - Ah! Já sei: recorrer a esse velho e batido argumento de que o Sol gira em torno de seu eixo em vinte e cinco dias e meio, a despeito da absurda Inquisição de Roma; que a luz nos chega refletida de Saturno em catorze minutos, apesar das suposições absurdas de Descartes; que cada estrela fixa é um sol como o nosso, cercado de planetas; que todos esses astros inumeráveis, colocados nas profundezas do espaço, obedecem às leis matemáticas e demonstradas pelo grande Newton; que um catequista anuncia Deus às crianças, e que Newton o prova aos sábios, como o disse um filósofo *frenchman*, perseguido no seu engraçado país por havê-lo dito. (1972, p. 562.)¹²

Na sequência do argumento, Birton se vale de argumento tipicamente holbachiano, a saber, que a única coisa que pode existir, que é a totalidade de todas as coisas e que faz tudo é a natureza, que se ordena e se basta a si mesma:

¹¹ Segundo Pomeau, “eis que de repente explode a bomba do *Sistema da natureza*. O ‘deícola’ de Ferney é claramente visado. [...] E eis a insinuação *ad hominem*: do teísmo à superstição é somente um passo, rapidamente rompido.” (1969, p. 395-396.) Devido a tal insinuação, Voltaire começa a prestar mais atenção a respeito da “evolução de uma corrente de pensamento que ele julga perigosa, e não lhe falta uma ocasião de opor seu deus criador, remunerador e inteligente, à Natureza bruta, sem inteligência nem finalidade, dos filósofos ateus e dos sábios. Segundo um procedimento adotado há muito tempo contra a Bíblia para dessacralizá-la, ele escolheu colocar em relevo algumas imagens, sempre as mesmas, frequentemente burlescas, como suporte de algumas ideias, sempre as mesmas também. As enguias de Needham, as conchas, os ratos do Egito, o grão de trigo apodrecido custam, depois de anos, uma controvérsia reiterada, fundada mais sobre o sarcasmo do que sobre uma física e uma argumentação sólidas.” (VIROLLE, 1969, p. 64.)

¹² Cf. a passagem que decorre da crítica de Voltaire ao ateísmo: “Que conclusão devemos de tirar de tudo isso? Que o ateísmo é uma coisa monstruosa e mui pernicioso naqueles que governam; que também o é nos homens da corte (ainda que levem uma vida inocente), porque dos seus gabinetes e altos postos podem furar até os que detêm o mando e influenciá-los; que, embora não tão funesto como o fanatismo, é quase sempre fatal para a virtude. Acrescente-se, principalmente, que há hoje menos ateus do que nunca, desde que os filósofos reconheceram que não existe nenhum ser vegetando sem germe, nenhum germe sem nenhuma finalidade, etc., e que o trigo não provém da podridão. Alguns geômetras que não eram filósofos rejeitaram as causas finais, mas os filósofos autênticos admitem-nas; e, como disse um autor conhecido, um catequista anuncia Deus às crianças e Newton demonstra sua existência aos sábios.” (1973, pp. 111-112.)

Não vos atormenteis em patentear-me essa ordem constante que reina em todas as partes do Universo: afinal de contas, tudo o que existe deve estar numa ordem qualquer; a matéria mais rarefeita deve elevar-se acima da mais maciça, o mais forte deve fazer pressão, em todos os sentidos, sobre o mais fraco, o que é impulsionado com maior movimento deve correr mais depressa do que o seu igual; tudo se arranja assim por si mesmo. [...] nada existe e nada pode existir senão a natureza; que a natureza faz tudo, que a natureza é tudo, que é impossível e contraditório que exista alguma coisa além de tudo; numa palavra só creio na natureza. (1972, pp. 562-563.)

Voltaire tinha pleno conhecimento de que o ateísmo vigente era fundado nas ciências naturais, manifestando o declínio da explicação da natureza pelo método *more geometrico*, opondo-se a uma concepção mecanicista do universo que era acionado por um “Regulador” externo à própria natureza. Na verdade, o naturalismo holbachiano distancia-se de algumas concepções de natureza: 1) da concepção de Lucrécio, cuja admiração pela natureza se dava pela invocação da deusa Vênus, no início do *De rerum natura*¹³; 2) da concepção de Spinoza, mais precisamente da *Ética*, onde a natureza haveria de ser explicada à maneira dos geômetras, como indica o próprio subtítulo da obra; 3) da concepção rousseauiana, a qual consistia em equiparar a natureza ao sentimento ou sensibilidade, característica da época pré-romântica. Em outros termos, se há uma definição precisa do que seja natureza em Holbach seria como “não-divindade e anti-divindade, como concretude, como realidade oposta a todos os ‘mistérios’ e as ‘quimeras’ da religião.” (TIMPANARO, 1985, p. xxxv.) Logicamente, era uma concepção de natureza que não agradaria à Voltaire, pois aniquilaria o sentimento do divino, não passando de uma falsa ciência atea, que era radicalmente oposta à “verdadeira” concepção de natureza que “prosterna o homem diante de Deus.”¹⁴ (POMEAU, p. 407.) Freind – Voltaire - ainda insistindo no poder da visão em entrever um deus em todas as coisas da natureza, defende que tudo que nos cerca é tão e somente arte, isto é, tudo na natureza é testemunho de um artífice divino. O pensador francês, pela boca do “sábio” Freind, argumenta em nome das causas finais e os que as negam são porque agem dissimuladamente ou estão encolerizados:

¹³ Ver a introdução da edição italiana do *Bon sens*, 1985, p. XXXV.

¹⁴ Nesse sentido, Pomeau afirma: “No século das Luzes, Voltaire pronuncia a falência da ciência”, mas “esse ceticismo é dogmático e esta crítica da metafísica se funda sobre uma metafísica do divino incognoscível.” (1969, p. 413.)

- Volvei agora os olhos para vós mesmos. Examinai com que arte espantosa, e nunca assaz desvendada, tudo aí está construído, por dentro e por fora, para todos os vossos usos e todos os vossos desejos; não pretendo aqui dar uma lição de anatomia, bem sabeis que não há uma víscera que não seja necessária e que não seja socorrida, quando em perigo, pelo jogo contínuo das vísceras vizinhas. Os socorros, no corpo, acham-se tão artificialmente preparados, que não há nenhuma veia que não tenha as suas válvulas e eclusas, para abrir passagem ao sangue. Desde a raiz dos cabelos até os dedos dos pés tudo é arte, tudo é preparação, meio e fim. E, na verdade, só se pode sentir indignação e contra aqueles que ousam negar as verdadeiras causas finais, e que têm bastante má fé ou fúria pra dizerem que a boca não é feita para falar e comer; nem que os olhos estejam maravilhosamente dispostos para ver, nem os ouvidos para ouvir; nem as partes da geração para engendrar; tão louca é essa audácia que tenho dificuldade em compreendê-la. (1972, p. 564.)¹⁵

A suposta “prova” de que todo o arranjo da natureza e os seus respectivos fins – mesmo não sendo suficientemente desvendados – são, na verdade, advindos de um artífice supremo o qual uma visão fraca não pode entrever nem conceber, opõe-se à “loucura” de se tentar compreender a natureza de um modo mais científico e mais humano. Curioso é que se, por um lado, é difícil entender a opinião daqueles que defendem que a natureza basta a si própria e que a matéria é eterna devido a investigações científicas que abundavam no século das Luzes e que ocasionaram toda uma literatura acerca dos resultados dessas investigações – mesmo sendo questionáveis, o que é normal e benéfico para o progresso da própria ciência - por outro, é mais difícil ainda entender como indubitável essa “arte” ou “artifício” sobrenatural que o próprio Freind assume que nunca foi suficientemente descoberta, e talvez nunca seja constatada essa influência de uma “arte” divina no curso da natureza. Contudo, a “verdade” dessas “provas” constrange Birton, fazendo-o murmurar se é mister reconhecer a existência de uma divindade. Retoricamente e não empiricamente, a despeito de sua incompreensão do que seja, Freind arremata: “Confessemos, pois, meus amigos, que existe um ser supremo, necessário, incompreensível, que nos fez a todos.” (*Ibid.*, p. 565.) E quando Birton indaga

¹⁵ Na sequência do argumento Freind afirma: “Confessemos que cada animal é um testemunho do supremo artífice. A mais pequena relva basta para confundir a inteligência humana; e tão verdade é isso, que é impossível aos esforços de todos os homens reunidos produzir uma folhinha de capim se o germe não estiver na terra. E não se deve dizer que os germes apodrecem para produzir; pois tais asneiras não se dizem mais.” (*Ibid.*)

sobre a existência de um artífice divino, o porquê de ele não aparecer, se alguém o viu, sobre a impossibilidade de um deus ter feito tudo do nada, à luz do argumento da eternidade da matéria, a resposta de Freind é pronta, porém, não menos obscura:

Já vos provei, creio eu, que existe uma inteligência suprema, uma potência eterna a que devemos uma existência passageira: não vos prometi explicar o porquê nem como. Deus nos deu suficiente razão para compreender que ele existe, mas não o bastante para saber ao certo se a matéria lhe foi eternamente submissa, ou se ele a fez nascer no tempo. Que vos importa a necessidade ou a criação da matéria, contanto que reconheçais um Deus, um senhor da matéria e senhor vosso? Perguntais onde está Deus; nada sei, e não devo sabê-lo. Sei que ele existe, sei que ele é nosso senhor, que faz tudo, que tudo devemos esperar da sua bondade. (1972, p. 565.)

Birton, diante dessa resposta mais próxima de uma apologia catequizadora do que propriamente uma solução racional à questão colocada, sente-se subestimado e responde que é só verificar tudo o que de mal acontece pelo globo para fazer cair por terra o argumento de uma bondade divina.¹⁶ Freind pressente que aí estaria um forte argumento a favor de Birton e que ele não hesitaria em se valer dessa réplica. Em outros termos, vem à tona uma questão que Voltaire já se debatera desde 1748: tanto o mal como um deus existem. Porém, segundo Pomeau, “o drama é que Voltaire aprova um e outro sem poder conceber como eles se conciliam. É preciso adorar e se submeter: Voltaire fá-lo-á em vão, jamais encontrará resposta melhor.” (1969, p. 250.)

Birton pretende retorquir Freind a respeito da bondade divina mostrando tanto a gama de crimes e atrocidades que ocorrem mundo afora como a ocorrência de fenômenos naturais devastadores, praticamente não dando margem à esperança da intervenção de um ser sobrenatural que ponha termo a todo o horror e medo causado pela maldade humana e pelas calamidades naturais. Jenni, ouvindo a arguição de Birton, titubeia, chegando mesmo a se questionar como se deixou levar pelas carolices do pai, sentindo-se um tolo. Freind, por sua vez, não se deixou abalar com o seu opositor,

¹⁶ “*Birton*. - Da sua bondade! Estais troçando comigo. Dissestes: ‘Servi-vos dos olhos’. Pois eu vos digo: ‘Servi-vos dos ossos.’ Lançai um único olhar que seja à terra inteira, e vêde se o vosso Deus é bom.” (*Ibid.*) Argumento que, em 1755, quando ocorre o terremoto de Lisboa, matando milhares de pessoas, curiosamente Voltaire ironiza em Rousseau acerca da providência divina, numa troca acalorada de carta a respeito do episódio. Isto é, se existe uma divindade providente, porque não evitou tal calamidade natural?

respondendo que tudo que há de cruel e estarrecedor no mundo é culpa do próprio homem e não de um deus, entendendo que se não existisse a dor no mundo, as paixões que corrompem o homem teriam livre curso:

Mas os infelizes, direis, condenados a sofrer a toda a vida, acabrunhados de moléstias incuráveis, podem acaso admirá-lo e amá-lo? Eu vos direi, meus amigos, que essas doenças tão cruéis vêm quase todas por culpa nossa, ou por culpa dos nossos pais, que abusaram do seu corpo, e não por culpa do grande artífice. [...] Cumpre lembrar que, no poema de Milton, esse tolo de Adão pergunta ao anjo Gabriel se viverá muito tempo. “Sim”, respondeu o anjo, “se observares a grande regra: *Nada em excesso*.” Observai todos essa regra, meus amigos; acaso vos atreveríeis a exigir que Deus vos fizesse viver sem dor durante séculos inteiros, em recompensa da vossa gula, da vossa embriaguez, da vossa incontinência, do vosso abandono a infames paixões que corrompem o sangue e abreviam fatalmente a vida? (1972, pp. 569-570, grifos de Voltaire.)

Com o argumento de que os reveses surgidos no mundo são absolutamente por causa do homem que fez com que eles aparecessem, Freind entende que a dor é como uma espécie de mal menor em prol de um bem maior, a saber, para limitar a influência das paixões e dos prazeres. Na verdade, devido à sua menoridade e culpa, o homem deve resignar-se à sua condição miserável e sequer questionar a existência de um ser divino que faz tudo com determinados fins. Neste trecho, é manifesta a oposição de Voltaire a determinadas teses que lhe foram caras em seus escritos anteriores, pois ele engrandece a divindade e rebaixa o homem, “chegando a esvaziar o homem em Deus.” (POMEAU, 1969, p. 414.)¹⁷ Entretanto, Birton não se dá por vencido, entendendo que Freind somente tergiversa e emprega um argumento de tom epicurista, apontando a contradição entre os atributos que são concedidos a um deus como bondade e onipotência e o abandono dos homens ao pesar e às ações mais atrozes, “pois, se existisse mesmo um Deus tão poderoso e bom, não teria ele posto o mal na terra; não teria devotado as suas criaturas ao sofrimento e ao crime. Se ele não pôde impedir o mal, é impotente, se o pôde e não quis, é bárbaro.” (*Ibid.*, p. 570.) Nesse sentido, o cerne da argumentação seria o seguinte: se o ser fictício que chamam de deus teve a vontade de fazer os homens à sua

¹⁷ Pomeau ironiza: “Envelhecendo, Voltaire deprime o homem.” (*Ibid.*, p. 415.)

imagem e semelhança, ele teria os feito de uma outra maneira? Não seria possível atribuir a um ser onipotente, onisciente, onipresente e bondoso uma obra tão repugnante.

Diante de tal objeção e impassível, Freind entende que mesmo de supostamente ter provado a existência de um deus, ainda querem encontrar nele toda sorte de contradições e imperfeições. O que seu opositor entende como maldade ou omissão divinas a causa de todos os reveses humanos é, na verdade, um mau uso de que o homem faz de sua liberdade, porém, Friend evita afirmar que todo mal particular contribui para um bem geral:

Longe estou de vos afiançar, como certos arrazoadores, que os males particulares formam o bem geral. Essa extravagância é demasiado ridícula. Convenho com pesar que existe muito mal moral e físico; mas já que a existência de Deus é certa, também é certo que esses males todos não podem impedir que Deus exista. Ele não pode ser mau, pois que interesse teria em sê-lo? Há males terríveis, meus amigos, pois bem! Não lhes aumentemos o número. É impossível que Deus não seja bom; mas os homens são perversos; fazem um uso detestável da liberdade que esse Grande Ser lhes deu e lhes deve ter dado, isto é, o poder de executarem suas próprias vontades, sem o que não passariam de puras máquinas formadas por um ser mau, para serem por ele quebradas. (1972, pp.571-572.)

Ora, se para Freind – Voltaire – um deus seria a “origem da vida e do pensamento” (POMEAU, 1969, p. 408) não há como conceber que ele seja a fonte de todo o mal mundano. Mas, diante de tal impossibilidade, não seria um indício de imperfeição contraditório não saber de antemão – já que um deus deveria tudo saber no que toca aos acontecimentos passados, presentes e futuros – a possibilidade do “detestável” uso da liberdade que os homens fazem? Se ele não tem interesse algum em promover o mal, por que ele não hesita em punir os resultados do “mau” uso da liberdade, punindo uma ação má com outra? Se um deus tudo vê, como o homem, que lhe atribuiu tal poder de uma visão de tudo o que acontece, não o tem em mente como freio antes de fazer algo incorreto? Por mais rebaixado que o homem seja perante a divindade, ele ainda possui a liberdade de desviar-se do caminho reto, mas tendo de aguentar as consequências de seus atos. Birton não entra no mérito da questão – obviamente - e Freind afirma que não só existe maldade no mundo, mas que também

existe virtude, mesmo ela nunca mostrando a sua face.¹⁸ Porém, incorre num paradoxo: em relação aos males físicos, é determinista, pois “todo o mal físico de uma ação é efeito das leis gerais impostas pelas mãos de Deus à matéria” ao passo que no que concerne aos males morais, o homem é livre, pois toda “ação criminosa é feito da liberdade de que o homem abusa.” (*Op.cit.*, p. 574.)

Chegando ao final do conto, Voltaire reflete sobre a questão da utilidade de promover dentre os homens a crença em um deus recompensador das ações, punidor das más e perdoador de deslizes mais brandos, pois é a única coisa que pode impedir a impunidade dos transgressores seja publica ou disfarçadamente.¹⁹ Contudo, Freind diferencia crença de superstição, sendo esta, tanto como o ateísmo, duas espécies de monstruosidades extremas:

O ateu é um monstro que só devorará para apaziguar a fome; o supersticioso é outro monstro que estraçalhará os homens por dever. Sempre notei que se pode curar um ateu, mas jamais se cura radicalmente a um supersticioso; o ateu é um homem de talento que se engana, mas que pensa por si mesmo; o supersticioso é um tolo brutal que jamais teve senão as ideias dos outros. [...] Sim, meus amigos, o ateísmo e o fanatismo são os dois polos de um universo de confusão e horror. (1972, p. 580.)

Na balança, o ateísmo aí saiu ganhando devido a ser passível de “cura” e que não se pauta pela opinião alheia, mesmo se equivocando. Já o supersticioso é o “doente” por excelência, projetando suas ficções em todas as direções e espalhando a ignorância e o terror por onde passa. Mas, no fundo, ambos são “monstros” desarrazoados, incapazes de terem uma crença sóbria e de serem virtuosos. No último capítulo de *Jenni*, Birton, de tanto ser acochado pelos argumentos religiosos de Freind, como num passe de mágica, o holbachiano empedernido se “converte” e junto com seus amigos libertinos, prostram-se diante do “sábio.” Ele e Jenni, completamente mudados, “são hoje as pessoas mais honradas da Inglaterra.” (*Ibid.*, p. 582.) Entretanto, voltando à questão da utilidade de se inculcar na consciência dos homens a crença em um deus dá margem à crítica à dupla

¹⁸ Do que Birton simplesmente zomba: “- Ah! Ah! Ah! A virtude! Engraçado isto. Por Deus. Eu bem queria saber que cara tem a virtude, e onde encontrá-la.” (1972, p. 572.)

¹⁹ “A crença num Deus remunerador das boas ações, punidor das más, perdoador das faltas leves é pois, a crença mais útil ao gênero humano; é o único freio dos poderosos, que cometem insolentemente os crimes públicos; é o único freio dos homens que cometem disfarçadamente os crimes secretos.” (1972, p. 580.)

doutrina de Voltaire: o interesse tanto da sociedade como da moral exige que se apresente ao povo como verdades indubitáveis a existência de uma divindade recompensadora e vingativa, ao passo que, em seu foro íntimo, o filósofo não tem certeza alguma sobre estes artigos de fé.

Bibliografia

HOLBACH, Paul-Henri Thiry. *Le bon sens ou idées naturelles opposées aux idées surnaturelles*. Londres, s.n., 1773. 1 vol. in-8 ; [2] ff. ; XII pp. ; 302 pp. [versão fac-símile.]

_____. *Il buon senso*. Traduzione del francese di Sebastiano Timpanaro. Milano: Garzanti, 1985.

_____. *Système de la nature ou Des Lois du Monde Physique et du Monde Moral*. Geneve: Slaktine, 2001.

_____. *Sistema da natureza ou das leis do mundo físico e do mundo moral*. Trad. de Regina Schöpke e Mauro Baladi. São Paulo: Martins Fontes, 2010 (Coleção “Tópicos Martins”).

KORS, Alan Charles. *D’Holbach’s Coterie: an Enlightenment in Paris*. New Jersey: Princeton University Press, 1976.

POMEAU, René. *La religion de Voltaire*. Paris: Librairie Nizet, 1969.

SADE, Donatien Alphonse François de. *Diálogo entre um padre e um moribundo*. Trad. de Alain François e Contador Borges. São Paulo: Iluminuras, 2001.

VIROLLE, Roland. “Voltaire et les matérialistes, d’après ses derniers contes”, In: *Dix-huitième siècle*. Paris: PUF, 1979, nº11, p.63-74.

VOLTAIRE, François Marie Arouet. “História de Jenni ou o ateu e o sábio”, in: *Contos*. Trad. de Mário Quintana. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

_____. *Tratado sobre a tolerância*. Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1993.